

INTRODUÇÃO

Consoante o Professor Nélio Vieira de Melo (apud SAYÃO, 2013), a relação educativa, dentro dos processos Organizacionais, os quais se desenvolvem nas instituições escolares possuem um papel importante como espaço de humanização.

Tal relação, muitas vezes atrelada a concepção histórica de projeto educacional, são regidas por leis que normatizam e regulam os processos educativos. Porém, ainda assim, é válido perceber, que as leis e normas possuem um caráter minimalista e até reducionista sobre a concepção do que se entende por humanizar e humanização.

Para melhor esclarecer, os processos de humanização emergem a partir das interações humanas, entendendo que, o espaço de encontros e desencontros entre os *entes* humanos é um habitat comum a todos, uma casa compartilhada entre os diferentes que encontram e se desencontram, juntos num lugar, cognominado: *ethos*.

A palavra *ethos*, cujo em grego quer dizer a casa humana, também possui um significado ainda mais profundo, a saber: “um conjunto de princípios que regem, transculturalmente, o comportamento humano, para que o homem seja realmente humano, no sentido de cada *ente* humano faça-se plenamente consciente, livre e responsável” (RIBEIRO JÚNIOR, apud CORREIA JÚNIOR, 2013, p. 52), também reforçado por Ken Wilber (2006, p. 190): “não se pode ter o singular sem o plural”, isto é, o ser humano compõem o ninho da vida; vida que perpassa relações e, nada existe fora das relações. O ser humano vive e sobrevive graças a este grande Ninho do Ser, que comporta a todos os que nele habitam.

Habitar na casa ou no Grande ninho, equivale ter maneiras de respeito para com o que está ao redor e ao derredor, maneiras de preservar, assim também, de trazer harmonia a casa comum a todos, através de atitudes de pensar e falar a partir do cuidado, ávido de nós mesmos, de nossa própria estrutura. O cuidado é uma dimensão ontológica que permeia o humano. Uma vez que “sem ele (o cuidado), deixamos de ser humanos” (RIBEIRO JÚNIOR, apud CORREIA JÚNIOR, 2013, p. 52). Porque:

As relações inter-humanas, independente de toda comunhão religiosa, no sentido do termo, constituem, em todo caso, uma ação litúrgica suprema, autônoma em relação a todas manifestações de piedade [...]

Cabe ao homem salvar o homem (LÉVINAS, apud SAYÃO, 2013, p.139)

As relações inter-humanas, independente do sentido religioso, tem sua substancialidade por meio do amor-cuidado da alteridade. O Amor-cuidado da alteridade que se expõem ao mundo vulnerável, sensível em sua condição enquanto mundo, para acolher a todos que, habitam e co-habitam no Grande Ninho ou Na grande casa: a mãe Terra. A escola, assim a compõem também e, faz parte da grande casa, uma vez que viver nos caminhos educativos significa partilhar do sentimento acolhedor, hospitaleiro para com os demais seres humanos no mundo.

O cuidado, evoca a preocupação à alteridade, do planeta, do cosmos. “Uma vez que, somos gestados pelo mundo, o cuidado nos interpela a carrega-lo dentro de nós, afim de que ele não sucumba à destruição, uma vez que o próprio sujeito está implicado visceralmente na proteção e na geração da vida” (RIBEIRO JÚNIOR, apud CORREIA JÚNIOR, 2013, p. 53), assim como reforçado por Ken Wilber (2006), no amor globocêntrico, aspiração de proteção a vitalidade humana, estendendo-se a todos os espaços, vale ressaltar a Gestão Escolar e o corpo docente, no espaço escolar, tão rico de outriedade. Logo, o amor globocêntrico deve ser essencial no ambiente Escolar, como garantia da condição humana e dos direitos humanos.

Para melhor explicitar a esfera, ou a dimensão do amor globocêntrico, valeremos aqui na pesquisa, da filosofia do lituano-francês e descendente de judeus: Emmanuel Lévinas, conhecido como filósofo da alteridade e, o que mais se aproxima da dimensão espiritual do amor globocêntrico do psicólogo Ken Wilber (2006).

Consoante o Dr. Nilo Ribeiro Júnior (apud CORREIA JÚNIOR, 2013), também pesquisador da filosofia levinasiana, para Emmanuel Lévinas, amar é promover o outro e protege-lo das intempéries da vida, mas, sobretudo, amar, segundo Lévinas, tem como resposta sublime a proteção quanto a quaisquer formas de violência, tendo em vista a vulnerabilidade do outro.

Ainda conforme o Dr. Nilo Ribeiro Júnior (apud CORREIA JÚNIOR, 2013), para o ascendente de judeu, Emmanuel Lévinas, o cuidado, assume, por sua vez, as características de um amor maternal, não se tratando unicamente da promoção e proteção do outro univocamente, entretanto, de carrega-lo dentro de nós, onde o sujeito

é chamado a amar, como “uma terra de asilo, que responde a uma hospitalidade, a uma expectativa, a um acolhimento humano, numa linguagem que continua ser a possibilidade essencial” (LÉVINAS, apud SAYÃO; PELIZZOLI, 2012, p.191) na responsabilidade sobre a vida. E como bem salientou Emmanuel Lévinas (2001, p. 21), percebendo:

O homem como o bem supremo para o outro homem e que, para que o homem seja o bem supremo para o homem, é preciso que seja “verdadeiramente homem” e que se pergunte como o homem, amigo do homem, pôde, em determinadas condições, fazer-se inimigo dele. [...] Não é o conceito "homem" que está na base desse humanismo, é o outro.

Para o Prof. e Dr. Sandro Cozza Sayão, também pesquisador levinasiano (apud SAYÃO; PELIZZOLI, 2012), eis o sentido “do homem como bem supremo para o outro homem”, ser o desfecho para afirmação de um novo humanismo, neste caso, O Humanismo do Outro Homem, em que a ética é condição fundamental e, a responsabilidade com a vida, o vestígio do humano no mundo e garantia dos direitos humanos; porque, “ao ignorar ou negar, as singularidades de cada um, também se nega o caminho para reencontro do sentido da existência humana.” (SILVA LEÃO, 2017, p. 152)

Portanto, a pesquisa, de cunho bibliográfico, centraliza-se em mostrar como é importante a benevolência, o desejo mutuo, o afeto que nos permite não só humanizar, contudo delinear um ambiente em que, a inteligência cordial se faz necessária, nutrida de grande proximidade existencial, no que diz respeito a espiritualidade, ser uma reflexão intrínseca à educação.

Entendemos, na pesquisa, a espiritualidade, jamais projetada como alheia, todavia, que reverbera uma sabedoria do amor, no objetivo de um espírito gentil, em consonância com o humano, a saber, professores, gestores, alunos, experienciando a inteireza do ser, nas forças construtivas do humanismo, luz de uma identidade humanizadora, embora esquecida muitas vezes em tempos hodiernos, na própria Organização Escolar.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Escola é o espaço que deve trazer à luz a valorização de cada *ente* humano, em sua Cultura Organizacional, uma vez que, quando o sentido de educar, se designa no encontro com a alteridade, abre-se através do Outro, um novo olhar transformador, em que não só nós mesmos nos moldamos, mas o espaço em derredor, entendo o mundo como abertura, abertura a outridade, ou o mundo como um todo, um caminho de confiança no Ser, uma “experiencia profunda [...] determinada ao homem que ama. Entendo o amor como órgão metafísico.” (RÖHR, 2012, p. 45)

Logo, a escola é detentora de uma tarefa engajada de confiança e zelo pelo Outro, equivale dizer: o corpo docente, os discentes, a comunidade escolar, como “força de expressão real da alma, que tem como recompensa a reconquista do sentido da vida.” (RÖHR, 2012, p. 45) Considerando consigo mesmos a importância do Outro, que nos completa, em nossa subjetividade, trazendo um *logos* humanizador, fluxo de uma necessidade aviltante, que potencializa um outro sentido do humano, a saber, o erigir de um novo humanismo ao ambiente educacional, movido pela essência do amor globocêntrico.

Questões essas esquecidas pelas estruturas civilizatórias e, nas bases da atual educação, uma vez que somos herdeiros de uma racionalidade surda, que não sai de seu lugar de si mesmo, assim como, ainda que aventurando-se pelo mundo e sua alteridade, não consegue sair de seus apegos, para com o Outro que nos obseda.

Um contexto o qual o Outro, como o diferente, perde seu valor humano, decorrendo a impossibilidade de uma ordem ética, visto que, a ética, subsiste em desenvolver no homem o que ele tem de mais humano, não está reduzida a crença, porém no despertar das potencialidades, unicamente humanas, sejam, não só interiorizadas, como também expostas naturalmente, sem ser algo imposto, no entanto, depositando confiança no ser.

Segundo o Prof. Sandro Cozza Sayão (2013) a relação com o Outro, descrita por Emmanuel Lévinas, encarnado na figura do diferente, representará, não só para educação, como nas relações humanas, um instante sagrado de pura oferta, confiança e generosidade o qual sugere ao homem a possibilidade de uma nova vida, um

compromisso com a vitalidade humana, que o homem antes experiencia com o outro, do qual resulta na sua própria humanidade, em que “a fome pelo Outro, é sagrada.” (LÉVINAS, apud SAYÃO, 2013, p. 13) cujo eu, passa a ter prioridade do para o Outro, o filósofo ascendente de judeus, Emmanuel Lévinas (1997), o denominara de: “encontro com o rosto de outrem”.

Mas o que é o Rosto? O filósofo franco-lituano Lévinas (2009, p. 144) o situa da seguinte maneira:

O Rosto não é absolutamente uma forma plástica como um retrato; a relação ao Rosto é, ao mesmo tempo, relação ao absolutamente fraco - ao que está absolutamente exposto, o que está nu e o que é despojado, é a relação com o despojamento e, por conseguinte, com o que está só e pode sofrer o supremo isolamento que se chama a morte.

Para Emmanuel Lévinas (2009), o Rosto é o movimento de surpresa do Outro, questionando a nudez da fragilidade humana, ele é a manifestação da alteridade do Outro Homem, o apelo puro e simples para que o Eu não possa feri-lo, ou subjugar o *ente* à morte, o Rosto é a “efetivação da transcendência, a saída da solidão egológica-ontológica em direção à Revelação do Outro” (PELIZZOLI, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, p. 44) enquanto diferente, em sua diferença.

O filósofo franco-lituano Lévinas (1988), menciona que o rosto nos evoca a uma urgente resposta: “a responsabilidade, como última realidade”, responsabilidade que desafia o nosso poder de poder, como convite a proteção, porque é uma interpelação que nos diz: “tu não matarás”, isto é, “o rosto fala de si próprio” (LÉVINAS, 1980, p. 53), ele se constitui como linguagem.

Portanto, “qual é a linguagem do rosto? Qual é a sua provocação? É este imperativo: ‘não matarás’, é a súplica não me deixes morrer [...]. O rosto é ao mesmo tempo interdito e súplica” (PIVATTO, 1995, p. 21), súplica do *ente* humano ante sua fragilidade, súplica perante a ofensa ameaçadora da violência e sua sujeição ao finamento.

O Rosto é necessária contra qualquer forma de tirania, testemunho irrecusável e severo que se insere o entre nós, tornando-o público, o rosto é a palavra ininterrupta, mediador exigente entre homem e homem, na relação face a face, para se conhecer o primeiro Tu, contra a “violência que é corrupção” (LÉVINAS, 2009, p. 55), porém no

perceber, o direito a vitalidade do Outro, como direito infinito, um direito, unicamente, humano.

O Doutor e Professor Marcelo Pelizzoli (apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008), comenta que, a ética da alteridade, de matriz levinasiana, traz na noção do Rosto, o conceber do sentido primeiro da subjetividade, enquanto fundamento de socialidade, ela é a possibilidade de recepção do outro como outro, abrindo para própria ética, o qual, o sujeito desfruta de uma transcendência para formação de um ser aberto, por excelência de vida e sentido (inter)humano, um sujeito senhor de si e do mundo, confesso para amar, porque “o amor, é o eu satisfeito pelo tu, captando em outrem a justificação do seu ser.” (LÉVINAS, 2009, p.43)

Logo, através da interpelação do Rosto, se exaure o conteúdo para uma sociedade do amor, uma sociedade refratária à universalidade, onde o amor de um ser em detrimento de outro é sempre um privilégio, no qual a moral do respeito supõe a moral do amor, para que o próximo, não assista ferido, assim também a sociedade do amor, não se torne hipócrita e injusta.

O Outro, com sua exigência, por meio do Rosto, coloca em questão a perspectiva da ética e a educação, na maneira de conduzir o agir humano, segundo o horizonte do sujeito agente, no face-a-face, perante aquele que insta o homem como cidadão responsável pelo outro homem, “uma preocupação fundamental ‘em questão do ser’ em detrimento da ‘questão do Outro’.” (RIBEIRO JÚNIOR, 2005, p. 15)

O Professor e Dr. Nilo Ribeiro Júnior (2008, p. 89), referindo-se ao papel de responsabilidade para com o próximo, na visão do filósofo lituano-francês, ressalta que:

A responsabilidade é o que, exclusivamente, me incumbe e que, humanamente, eu não posso recusar. Uma carga única. O eu não é intercambiável, eu sou eu na medida única em que sou responsável. [...] É impossível não sentir o ecoar nas entrelinhas [...] nós somos todos responsáveis por tudo e por todos, e eu mais que todos os outros.

A face do próximo, conforme Emmanuel Lévinas (2014), será sempre portadora de uma ordem, que se impõem ao eu, diante do outro, uma responsabilidade gratuita e inevitável como se o eu fosse escolhido e único – e o outro homem é absolutamente outro, e assim, único em vida também.

A unicidade do Rosto é a arrancada do contexto levinasiano, para o amor globocêntrico de Ken Wilber (2006), fonte de uma obrigação diante dos outros homens; fonte ao qual o Rosto desvela a justiça para com o próximo, por meio de uma vocação concedida a todo ser humano, como valor de reconhecimento responsável pelo outro ou para o outro, que se define o ser, essencialmente, humano; sem dúvidas, tal “apelo de Lévinas, para responsabilidade que cada um, mais do que todos os outros, tem que assumir diante do próximo, na sua alteridade, é de origem espiritual.” (RÖHR, 2013, p. 111)

Portanto, a sala de aula é um espaço garantido de encontro com diversidade, destino para interpelação ética, e abertura à transcendência – abertura do eu para o Outro -, que educar procura assumir o caminho como possibilidade cordial e hospitaleira a outridade. O que corrobora a Emmanuel Lévinas, o sentido de uma educação globocêntrica, presente também em Ken Wilber (2006), condizente de sentido educativo e de uma práxis acolhedora a pluralidade.

Com efeito, a relação ética, conforme Lévinas (apud MARCOS; CANTINHO; BARCELOS, 2011, p. 158), é o profundo respeito ante o diferente, explicitamente, “é o humano enquanto humano”, exercendo sua humanidade, no estar sendo com os outros e com o mundo. A tradução de tal ideia expressa-se da seguinte maneira: na multiplicidade que tem a diversidade no qual, agimos a partir dela.

A Escola, por sua vez, deve priorizar tal conceito levinasiano, para além da Cultura das Instituições de Ensino, desde a equipe gestora a professores, inclusive entre docentes e discentes. Porque “educar significa: levar a sério o tempo da construção do sentido que se dá no encontro com o Outro.” (CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, p. 36)

Concomitantemente, é “essencial voltar-se para o Outro como ele é... a face vital da outra pessoa, onde dois seres se tornem presentes mutuamente” (RÖHR, 2012, p. 170). A saber, volver-se para Outro, reconhecendo-o em sua singularidade, como Ser único, deve ser uma das prioridades da educação, atendendo também aos caminhos da espiritualidade, por vias do humanismo, no qual o Outro, seja professores, discentes, são reconhecidos como pessoa, como totalidade que se coloca diante dos caminhos

educativos, ao qual o eu se dirige, assim como ele (Outro) a mim, realidade ao qual se fundamenta a autentica vida dos homens.

A educação deve, em sua responsabilidade, conforme o filósofo franco-lituano, Emmanuel Lévinas, entender-se como amante da alteridade e do mundo, afim de revigorá-lo no agir ético, não tratamos aqui de salvar o mundo, porque jamais a educação tem tal papel, porém de desconstruir a ojeriza diante da pluralidade para renovar um mundo cada vez mais comum e plural para todos. Porque “uma educação que faz o ser humano se fechar em si mesmo, evita que ele pense no Outro como alguém e, conseqüentemente, que se sinta responsável por ele.” (SILVA LEÃO, 2017, p. 152)

Logo, se a educação hodierna não prioriza um estilo de educar o qual permita a abertura do ser para o Outro, que conclama o nós, no entanto haverá possivelmente vários agravamentos: “abandono, dominação de um homem para o outro, ou até de uma classe social para outra, perpetuando-se; assim também fazendo-se agudizar as condições daqueles que estão às margens sociais.” (SILVA LEÃO, 2017, p. 152)

Infelizmente, a educação atual, robusteceu a aversão a outridade, conforme reforçado pela Dra. Sandra Maria Montenegro Silva Leão (2017, p. 152-153), ela teve “como resultado o desmantelamento humanístico [...] que se mantém às custas da indiferença com o Outro”, não só do ponto de vista da disputa entre educadores, muitas vezes, competindo entre si, por sua vez, alunos envolvendo-se em desavenças entre eles mesmos e até mesmo com os docentes.

Trata-se de fracassos inevitáveis em que as causas podem ser sanadas por atitudes mais cuidadosas, em que os educadores, abrindo o caminho para alteridade, poderão enxergar o veneno da desconfiança generalizada, principalmente entre os alunos, veneno que subverte nossa maneira de ser aberto, desarmoniza convivências e permitem cada vez mais um sistema o qual homens gladiam-se entre si.

Cabe a educação, o esforço de não se deixar desanimar apesar das inevitáveis decepções, reconhecendo-se como co-responsável pela vida, sendo o próprio ato de educar, por meio da Cultura Organizacional Escolar, um instrumento da própria responsabilidade, entre educadores para com os educandos, responsabilidade pelo bem,

mesmo sendo inevitável no decorrer da jornada educacional o fracasso, assumindo a tragicidade, porém sem recuar na longevidade do bem, reforçado pelo exitoso filósofo lituano-francês Emmanuel Lévinas (2012, p.83), em “ser dominado pelo bem”, “de ser responsável pela sua responsabilidade” (LÉVINAS, 2008, p.104), porque:

É pelo bem que a obrigação a responsabilidade é irrevogável e irrecusável, [...] que contraria a própria escolha, mas situa uma interioridade que precede a liberdade [...] é obediência a um valor sem antivalor, ao qual é impossível escapar [...] é mais antiga que o princípio (LÉVINAS, 2012, p.84-85)

“O bem é aqui a passagem para o outro, para o outro-modo, na qual a existência do Outro se torna mais urgente que todas as urgências.” (SAYÃO, 2013, p. 40) A bondade como prioridade de um novo tempo, o qual o bem seria a excelência da importância do outro sobre mim, confluência no encontro com a alteridade, no compromisso pelo próximo, a sacralidade da vitalidade humana e dos direitos humanos.

Portanto, uma autêntica comunidade educacional é aquela que, apesar dos fracassos, as pessoas deslocam seus olhares para cada rosto representante de um novo começo; olhando-se nos Rostos, se reconhecem como uma digna obra educacional responsável. A responsabilidade, como bem, ou perseverança educacional, ou melhor, a maneira de cuidar do mundo, no viés levinasiano, tem uma matiz pessoal com implicações sócio-comunitárias e sócio-educativas.

“A consequência do bem não vem de dever-ser ou de outro princípio que se tem a aprender e praticar. Ela é parte da vivência relacional inter-humana” (SAYÃO, 2013, p.144) o qual o Outro me investe, colocando-me para além de convenções étnicas, culturais e sociais; o amago da alteridade se inscreve para eu como única lei necessária para expansão do amor no seu sentido globocêntrico, como também educativo.

A tarefa pedagógica envolve, para ser considerada espiritual, a responsabilidade no ser, como citados por Lévinas (2012) através do bem, partindo da interioridade e engajamento em realiza-lo, um ato independente e de liberdade, na ousadia de confiar, apesar das falhas; “a negação da tal confiança no Ser, em última estância significa negar a dimensão espiritual.” (RÖHR, 2012, p. 44), assim também negar o papel humanizador da educação, seja de equipe gestora e docentes, docentes e docentes, docentes com os discentes, enfim, uma significação pedagógica maior.

Porque, ao ser responsável pelo Outro, o Outro, por sua vez, também nos educa e ensina, nos conduzindo até mesmo, a ir além da nossa autenticidade. Não nos submetendo, apenas, a ser de maneira autêntica, no entanto, de realizar uma condição que extrapole o próprio modo de ser, uma maneira de testemunhar uma glória infinita, de ser inspirado, pela inspiração do homem que aprende com outrem, condição educacional e univocamente humana, já que “a existência aberta ao diálogo é aquela que realiza o sentido pleno da cultura, qual seja: o de poder ver as coisas na perspectiva do outro” (GADAMER, 2005, p.84) fruto, para um futuro no partilhar, ou um futuro dialógico e de comunhão.

Assim, a relação com o outro, que nos ensina, não é alérgica ou repulsiva a presença de outrem, nem se converte a uma “educação bancária” notabilizada pelo educador e filósofo Paulo Freire (2001), ou uma educação subvertida a “docilização dos corpos” assim também dito pelo filósofo pós-estruturalista Michael Foucault (2007), porém, a alteridade, é uma circunstância oportuna para abertura ao ensino que vem do outro homem. A educação para ser considerada ética e globocêntrica “é justamente o movimento de se abrir ao encontro do outro sem pretensão de dominá-lo, [...] ela é o vislumbre do movimento do eu que aprende com o outro.” (ROSA, 2012, p. 217)

O Dr. e filósofo Ricardo Timm de Souza (apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008), de maneira contundente, expressou que, o rosto ou o olhar do outro permite eclodir “a pedagogia do infinito ético”, a saber, uma Pedagogia como encontro com a alteridade. Porque a educação é encontro entre qualidades: a qualidade do educando que encontra a do mundo, da diversidade real.

Ela, a educação, nunca será pretexto em números de pessoas, não é na razão de quantificar, no entanto, ela acontece com a própria outridade do mundo, inquantificável e irreduzível. Nas felizes palavras do filósofo Ricardo Timm De Souza (apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, p. 37), também pesquisador da filosofia de Lévinas, “a educação é uma questão entre diferentes, e não entre in-diferentes.”

A Pedagogia do infinito significa, consoante o próprio filósofo Ricardo Timm de Souza (apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008), o encontro ético, o qual, crianças ou adultos, ditos incapazes, desvestem-se das etiquetas homogeneizantes da incapacidade atribuída por muitos, para serem seres extraordinários, serem si mesmos,

para além do meramente ordinário; jovens “ineducáveis” educam seus educadores ao fazê-los ver o quão singulares são – aventurando-se em horizontes um pouco além do descritível.

Como também Professores e Gestores unem-se afim de contribuir aos rumos de uma formação humana possível, sem reduzir o humano, porém no conhecer o próximo em sua alteridade, sensibilidade desejante que ensina, e responsável; uma educação em direção ao para o outro da responsabilidade, porque “o mundo da percepção é, portanto, onde as coisas tem identidade” (LÉVINAS, 2000, p.123), onde elas se apresentam na sua nudez e diferença.

Pois, uma educação que parte da sensibilidade ética, compreende que a dignidade humana passa pela acolhida, ela é troca, mutualidade, para com a vida do Outro. A vitalidade da vida humana se fortalece à mediada que se abre hospitaleiramente “a face de outrem, o qual ecoa a alteridade vital como um todo, um caminho para além do ser, que não se fecha sobre si próprio” (ROSA, 2012, p.131), no entanto, reconhece a presença do alter-mundo.

Porque o eu humano, conforme Emmanuel Lévinas (apud ROSA, 2012, p.131), “situa-se, verdadeiramente fraterno, no fato de todos os homens serem irmãos”, uma vez que participar de uma educação fraterna, cujo a organização cultural escolar, compreende as relações humanas, em hospitalidade, sensibilidade para com o outro, e mutualidade, significa tornar as pessoas dignas e, que reverbera também os direitos humanos e a própria educação.

CONCLUSÕES

A educação deve ser a ferramenta que temos para repensar nossa postura perante o mundo; a essencial tarefa educativa é favorecer a identificação da unidade em meio à multiplicidade, apesar das intempéries, cabendo a educadores ater-se à realidade desafiadora, pertinente a filosofia levinasiana, como o momento responsável pela situação real e concreta, em resposta ao Rosto do próximo.

Em outras palavras, podemos viver a nossa liberdade na realidade imanente e assumir as responsabilidades diante das instâncias do mundo. [...] No momento em que assumimos nossa responsabilidade

diante das instâncias, é a origem de nossa liberdade. (RÖHR, 2013, p. 49)

O pensamento levinasiano nos coloca a uma nova liberdade, em meio a uma nova identidade educacional, “um novo sentido – na pluralidade de origem – para a fraternidade” (PELIZZOLI, apud CARBONARI; COSTA; DALMAS, 2008, p.50) no prazer livre de viver algo, no qual “a relação do eu com o mundo é gratuidade sem pretensão” (ROSA, 2012, p.41), tal é o papel da educação, tal é o papel do educador, o qual, educar, é primeiramente uma ação que repensa a subsistência do mundo.

Conforme o Dr. Luís Carlos Dallas Rosa (2012) é mediante a educação que a humanidade configura o mundo circundante. Educar é o processo o qual educando e professor, crianças, adolescentes e adultos, convivem, se transformam, de maneira que seu modo de viver se dá progressivamente, no momento em que se descobre a sensibilidade através do encontro com o Outro, a causa real da educação, e do futuro.

É a sabedoria do amor, como serviço de amor, um mandamento que tem como ordem infinita, segundo o Prof. Luis Carlos Dallas Rosa (2012), ordem infinita de amar o próximo, o indesejável, no amor sem Eros e, que por sua vez, a educação pode ser entendida como tempo e lugar no qual arde o desejo do encontro inter-humano, em que a manifestação do rosto nos interpela, pedindo-nos acolhida, especialmente o Rosto do empobrecido e marginalizado. Como expressão para os educadores, “eis-me aqui” minha tarefa, com o ato de educar, que implica, no porvir, o qual o Outro que está à margem, pobre, é edificado pelo eu que educa, quer seja este eu: gestor ou professor, professor com professor, professor com discente, expressão da real humanidade espiritual e globocêntrica, que reconhece os direitos humanos, direito à pluralidade, o direito a educar o qual dita “o entre nós”, como milagre perpetrado no e pelo humanismo do outro homem.

REFERÊNCIAS

CARBONARI, Paulo César; COSTA, José Andre da; DALMAS, Giovana. **Ética, Educação e Direitos Humanos: estudos em Emmanuel Lévinas**. Passo Fundo: Instituto Superior de Filosofia Berthier, 2008.

CORREA JÚNIOR, João Luiz. **O Amor Em Suas Múltiplas Formas**. São Paulo: Paulinas, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. *Linguaggio*. Roma-Bari: Laterza, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, (1980, 1988, 2000).

_____. **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Do Sagrado Ao Santo: cinco novas interpretações talmúdicas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **De Deus que vem à idéia**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. **Violência do Rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARCOS, Maria Lucília; CANTINHO, Maria João; BARCELOS, Paulo. **Emmanuel Lévinas: entre o reconhecimento e hospitalidade**. Lisboa: Edições 70, 2011.

PIVATTO, Pergentino Stefano. **Responsabilidade e Justiça em Lévinas**. Porto Alegre: Veritas, Vol. 1, nº 1, 1995.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria do Amor: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Sabedoria da Paz: ética e Téo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2008.

RÖHR, Ferdinand. **Diálogos Em Educação e Espiritualidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

_____. **Educação e Espiritualidade:** contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado das letras, 2013.

ROSA, Luís Carlos Dalla. **Educar para A Sabedoria do Amor:** a alteridade como paradigma educativo. São Paulo: Paulinas, 2012.

SAYÃO, Sandro Cozza; PELIZZOLI, Marcelo. **Fragmentos Filosóficos:** direitos humanos e cultura de paz. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

_____. **Lévinas Entre Nós.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

SILVA LEÃO, Maria Sandra Montenegro. **Educação e Alteridade Na Sociedade Líquida:** consequências para a educação integral. Porto Velho: Revista Igarapé, Vol. 5, nº 1, 2017.

Wilber, Ken. **Espiritualidade Integral:** uma nova função para a religião neste início de milênio / Ken Wilber; Tradução: Cássia Nasser. São Paulo: Aleph, 2006.